

ELO MUGNOL

19

icas

oktober

É vai rolar neste sábado a Oktoberfest Fabbrica. Entre as atrações, shows com as bandas Black Tie (foto) e Goela Seca.

Sua pista, DJs Merkant e Moro. A festa rola das 15h às 22h30min. Ingressos a R\$ 20, a venda somente na hora.

cinema

Além das sessões de cinematografia da Casa, a Sala de Cinema Uffersa apresenta ainda o filme *Plauto*, um sopro musical de baixo alto clássico.

Plauto fala da trajetória de Plauto Cruz, um dos mais importantes músicos gaúchos e consagrados por muitos coros e ensembles do Brasil. É filme sobre o cotidiano, as contradições do cotidiano artístico brasileiro, as diversas fragmentações de sua vida pessoal.

A sala de cinema fica no Centro de Cultura Ordevidas (Rua Luiz Antunes, 312). Ingresso a R\$ 16. Meia-entrada, R\$ 8 (idosos, estudantes e para servidores públicos municipais).

MEIÃO DE CÉSERO



FAZ-SE

- "Pérola", sessões de hoje a 15h.
- "Plauto, um sopro musical" domingo, às 17h.
- "Meu Nome é Gal", de... às 19h30min.

FOTOS DIVULGAÇÃO



mergulho histórico

Advogado e policial civil aposentado com marcante passagem na antiga Delegacia de Furtos, Roubos e Capturas de Caxias do Sul (Defrec) entre os anos 1990 e 2000, Edi Paulo Dalbosco lança na Feira do Livro a obra *Barra do Ouro, Ascensão, Declínio e Redescobrimto*.


Se nos livros anteriores Dalbosco usou o cotidiano das delegacias de Caxias e de outras cidades como fonte de inspiração, desta vez ele

mergulha na pequena Barra do Ouro, Barra do Quilombo, Barra de Maquin, Barra da Fazendeira e da biblioteca. O autor recorda a bucólica Barra no auge, de quando a rede de estradas era um lugar de imersão e de inspiração. O livro é para quem gosta de história (col)


Bem-Vindo

2023/01 

BLACK TIE NA FEEVALE

 02/03 Campus III
(17h-15min às 20h15min)

03/03 Campus II
(19h às 20h30min)

 FEEVALE

 COGNAC
#UNOACRED 



Portão no palco: Black Tie, a banda da Gravata que toca Indie Rock

Grupo paulista apresenta em diversos lugares do Rio Grande do Sul. Em todos, faz questão de dizer que é aqui da cidade







Banda Black Tie está em
Campo Bom. ...

10 de jul. • 🌐

Que diação! 🌞 Valeu Campo Bom



Que baita festa de rua da

@radiouniaofm e

@cleannettelecom, lindo demais!

Até a próxima! 🤘



Open in app ↗

Sign up

Sign In

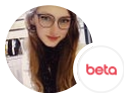


Search Medium



Rockeiros de gravata: banda Black Tie faz sucesso tocando covers

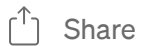
O repertório vai desde clássicos nacionais, como TNT, até grandes nomes do rock mundial, como AC/DC



Amanda Krohn · Follow

Published in Redação Beta

7 min read · Jun 4, 2021



Share



Atualmente a banda está produzindo suas primeiras músicas originais, mas não tem data para lançamento.
(Imagem: Arquivo pessoal)

Criada em 2016, a banda possui um estilo único, embora a vestimenta lembre os Beatles, na forma de se apresentar: gravatas pretas para combinar com o nome Black Tie (gravata preta, em inglês). Os integrantes são os gaúchos Daniel Silva (bateria), Luis Fernando Tatsch (vocal/guitarra), Gabriel Martins (vocal/guitarra) e Jailson Tavares (baixo). Com o aporte financeiro de seus empregos formais, os artistas investem no crescimento musical do grupo.

O repertório vai desde AC/DC e Pink Floyd, a Oasis a nomes do rock gaúcho, e incluindo uma releitura da música Grafitti, da banda argentina Inmigrantes. Além interpretação de grandes clássicos mundiais e da música nacional, a banda está em processo de produção de sons autorais, mesmo sem data de lançamento. De acordo com o portal Musichub, a aposta por realizar apresentações através de covers — interpretações de músicas lançadas por outros artistas — é a tendência natural de bandas iniciantes, pois ajuda na melhoria das técnicas musicais, além de ser uma preferência para bares, pubs e casas de shows, já que gera maior identificação com o público.

Antes da pandemia, a Black Tie realizava shows em pubs da região metropolitana e Serra Gaúcha e festivais como a Volkfest — que já contou com artistas como Sambô, Thaeme e Tiago, Melim e Fernando e Sorocaba — , o Festival Let's Rock, em Portão, e o festival de Saint Patrick's Day, em Gravataí. No momento, assim como grande parte da classe artística, a banda realiza *lives* em plataformas digitais como o *Youtube*.



O grupo sente falta da interação proporcionada pelos shows presenciais. Na foto tirada no evento Social Kombi, em Gravataí. (Imagem: Sianet Fotografia)

A Beta Redação entrevistou os músicos Gabriel Martins, de 23 anos, e Luis Fernando Tatsch, de 37 anos, em uma chamada conjunta por vídeo para ouvir a história da banda. Confira o papo, a seguir.

Como surgiu a ideia para o nome da banda e para a referência estética atrelada a ela?

Gabriel: Quando estávamos formando a banda, pensamos em algo que conseguíssemos vincular à imagem estética. Pensamos em diversos nomes, e no fim das contas decidimos que Black Tie seria uma boa escolha. Com essa ideia da

gravata preta, essa coisa meio “social”, mas trazendo um pouco a ideia de desconstrução(sic). Essa era mais ou menos a ideia.

Luís Fernando: Também tem o símbolo da gravata preta, que é um item clássico e também moderno, algo que não sai de moda, né? Já que o nosso repertório segue tanto clássicos do rock quanto sons mais modernos.

Como vocês se conheceram e formaram a banda?

Gabriel: Antes existia uma outra banda — a Mago de Dante — que o Luís participava junto com o nosso baterista Daniel. Quando eu recebi um convite eles estavam procurando vocalista, fiz alguns testes e entrei no grupo. Eles já tinham história, era uma banda antiga na cidade [Portão], depois da minha entrada, a banda encerrou as atividades. Mas nós permanecemos com a ideia de voltar. Somos muito amigos e ambos apaixonados por música, queríamos muito fazer um som. Então decidimos criar uma nova banda e buscamos um baixista para completar. Acabamos criando um grupo mais com a nossa cara, com um estilo totalmente diferente. Nós temos bastante referência do rock gaúcho e a gente fez uma roupagem pra essas músicas totalmente nossa.

E o que fez você quererem ter uma banda de rock? Vocês gostariam de seguir na carreira musical ou era por passatempo?

Gabriel: Uma coisa que eu gosto de falar é que primeiro era um hobby e continua sendo um hobby, mas ele acabou elevando um pouco, vimos que deu certo, sabe? Então levamos da forma mais profissional que conseguimos. Era um passatempo que acabou crescendo, e acabamos por precisar de uma organização melhor. Atualmente estamos com uma frequência maior de shows e antes da pandemia também estava bem bacana.

No rock internacional qual é a banda que mais costuma fazer sucesso no repertório escolhido por vocês? E no nacional?

Luís: Acho que no internacional é Red Hot Chilli Peppers, uma banda que bomba bastante. Nós gostamos muito, não sei se não tem muitas bandas que tocam por aí, mas temos bastante delas no repertório porque a gente nota que o pessoal sempre curte. No nacional acho que TNT, mais clássico.

Gabriel: A galera adora, sempre canta junto.

Durante a pandemia vocês tiveram que trocar a modalidade das apresentações. Como está sendo fazer essa substituição de apresentação nos palcos pelo formato *live*?

Gabriel: É uma maneira que encontramos de nos apresentar na pandemia, mas não é a mesma coisa. Temos como personalidade na banda interagir bastante com a galera, cantar, dançar, o nosso show é bem ativo. E em relação às *lives*, é uma ótima maneira de continuar produzindo conteúdo online, é divertido, legal e acaba abrangendo pessoas que talvez nunca tenham visto um show da banda, então é bacana também.

Como vocês fizeram para lidar com essa nova rotina envolvendo *lives*?

Gabriel: Tentamos dar uma roupagem nova para a banda. Estamos colocando em prática a realização de acústicos. Somos mais clássicos no rock, queremos palco, queremos tocar, mas estamos nos adaptando para fazer um show mais intimista. [Tocamos] pra vizinhos e mais algumas pessoas, com distanciamento social.

Luís: Os próprios bares não estavam seguros em marcar show, porque é muito incerto, uma hora fecha, então abre e acabou que não nos chamavam por conta disso. Também tinha a questão da limitação de pessoas: pra bares com música ao vivo, pra valer a pena tem que encher a casa. Então veio a ideia de fazer o acústico pra suprir essa necessidade, enquanto não voltamos ao normal.

Sei que no momento vocês estão em processo de produção de sons autorais. Qual é a inspiração para as músicas que estão produzindo?

Luís: As inspirações são as nossas principais influências, desde os clássicos como Pink Floyd e Led Zeppelin, até os mais novos como Red Hot Chilli Peppers e The Strokes. Uma mescla assim nesse sentido.

E vocês pensam em fazer contrato com gravadoras, ou pretendem continuar realizando suas produções de forma independente?

Gabriel: Preferimos fazer de forma independente. Nossa filosofia no começo era essa coisa meio *indie* (Indie rock, ou “rock independente” em português, é um gênero musical surgido no Reino Unido e Estados Unidos, durante os anos 70 e 80. É enraizado em gêneros mais antigos, como o rock alternativo, o pós-punk e a new wave), que veio do independente. Ainda não somos uma banda que produz sons autorais em massa, com a ideia de produzir disco, por exemplo. Então essa ideia da gravadora ainda é distante para nós.

Sobre os shows, você possuiem alguma história peculiar para compartilhar?

Gabriel: Uma das histórias foi quando tocamos em uma escola de imersão em inglês, em um verão muito quente. O pessoal estava escutando o show e, de repente, foram sumindo, um por um. Ficamos sem entender nada, porque o público na nossa frente acabou sumindo. Depois descobrimos que eles saíram para tomar banho de açude.

Luís: Foi um momento muito curioso. Pensamos: “será que o pessoal não está gostando?”. Mas calor estava insuportável, perdemos para o açude do local. Tem aquela história da casa mal assombrada também.

Gabriel: Fomos tocar em São Francisco de Paula, em um Carnarock. Foram dois dias de rock and roll, tocamos no sábado e no domingo. No primeiro dia, ficamos hospedados em um hotel. E depois precisamos trocar e fomos ficar em um hostel. A gente fez o show e quando terminamos começamos a conversar com o pessoal do pub. Eles perguntaram onde estávamos hospedados e quando respondemos eles comentaram “mentira, vocês estão lá? Caraca... uma pessoa morreu lá”. Nós ficamos atucanados com aquilo e voltamos para o hostel, sentamos no sofá e começamos a conversar sobre.

E junto com a banda, quais foram os melhores momentos que vocês tiveram?

Gabriel: Já tivemos experiências bem legais. Em um Saint Patrick's Day, na cidade de Gravataí o show lotou. Um ano depois o contratante fez questão de nos chamar novamente, porque a galera tinha gostado do show. O pessoal acabou voltando para nos ver. Teve também uma mãe com um menininho que gostou muito do baterista, que é o Dani. E o menino queria uma baqueta, tiramos algumas fotos juntos... foi um momento bem divertido.

E quais são os planos que vocês têm para a banda no futuro?

Gabriel: Acho que toda banda que se preze precisa de um material bacana pra vender o seu show. Então temos algumas ideias para aplicar, gravação de videoclipes, fazer material, gerenciamento de redes sociais e tudo.

Se vocês conhecessem alguma pessoa que quer seguir carreira musical, mas tem dúvidas se segue nisso mesmo, que conselho vocês dariam?

Luís: Olha, eu acho que tentar se organizar pra gerenciar duas coisas, um trabalho formal e a música, para ter alguma segurança e também seguir a sua paixão. Então, se sentir que tem como fazer essa virada, seguir mais firme na música.

Gabriel: Eu estava conversando com um amigo sobre isso há alguns dias. Esse papo clichê de “não desista dos seus sonhos”, que todo mundo ouve é real. Quem quer seguir uma carreira musical não pode desistir, precisa batalhar mesmo. Sabemos que hoje em dia o mercado musical é difícil. E como o Luís falou, tenha uma segurança, um outro trabalho, faça isso de uma maneira para ter uma garantia e para que se possa investir nos seus sonhos. Acho que esse é um conselho de amigo bem válido.

[Cultura](#)[Entrevista](#)[Perfil](#)[Cover](#)[Rock And Roll](#)